



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA
REQUERIMENTO N.º 551/VIII(3.ª)

AC

Assembleia da República, 2002-1-22

2002/02/26
MENCIONE-SE, PUBLIQUE-SE
E EXPEÇA-SE
2002/03/12

ASSUNTO: "Redução da frequência de comboios na linha Lisboa-Cascais"

APRESENTADO POR: Deputado Francisco Torres

Ex.mo Sr. Presidente da Assembleia da República,

Venho por esta via e através de V. Ex.ª. apresentar o seguinte

REQUERIMENTO

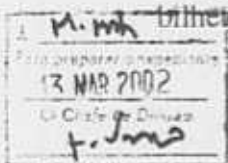
Sendo o Comboio, e em particular o comboio da linha Lisboa-Cascais, uma alternativa ao transporte rodoviário, seria de prever investimentos maciços nas redes ferroviárias no nosso país, um dos mais atrasados da Europa neste domínio. Porém, na sua fase inicial, os fundos estruturais foram quase exclusivamente aplicados em auto-estradas fomentando a utilização do automóvel nos acessos às grandes cidades, congestionando-os. As nossas cidades foram descaracterizadas por túneis, viadutos, circulares, trânsito, parques de estacionamento e estacionamento caóticos, aproximando-se do modelo de algumas metrópoles de países subdesenvolvidos. Os fundos estruturais e de coesão aumentaram a descoesão social.

Continua por isso a ser essencial apostar na linha férrea e nos transportes públicos menos poluentes. Existindo a linha Lisboa-Cascais a funcionar razoavelmente bem - não são por isso necessários grandes investimentos, como expropriações, etc. -, há que melhorá-la, atraindo público, fomentando a procura. Há que continuar a melhorar a qualidade das estações (não cedendo o seu lugar a centros comerciais como chegou a estar previsto!), nomeadamente o acesso às carreiras de autocarros (não enviando os utentes para a cave de um mamarracho construído num leito de cheias, como tristemente aconteceu em Cascais), etc.

Parece um desafio óbvio - e é um objectivo do Governo - e não muito custoso, quando comparado com o estado da situação no resto do País. Se a linha férrea Lisboa-Cascais não funciona, nenhuma outra linha funcionará. Talvez fosse então melhor - do ponto de vista meramente financeiro - encerrar todas as linhas e acabar com a CP - desistir! Talvez até vender os comboios para o ferro velho!

Julgo, ao contrário, que se os comboios da linha Lisboa-Cascais têm perdido passageiros a CP devia tentar perceber porquê e investir na sua recuperação. Foram aliás tomadas inúmeras medidas nesse sentido, como por exemplo: a possibilidade de transporte de bicicletas a um preço mais razoável, mais conforto nas carruagens - com excepção do ar condicionado que só traz incómodos - e nas estações (exceptuando o enviar dos passageiros para uma cave de um centro comercial em Cascais, o que configura um outro problema mais sério), automatização de

bilhetes e aumento das modalidades de compra, mais segurança e até o incentivo dado ao



preenchimento de um recente inquérito. Há que prosseguir-las e não desvirtuá-las com esta redução inusitada da circulação dos comboios, que abala seriamente a relação de confiança que se vinha estabelecendo entre os utentes e a CP.

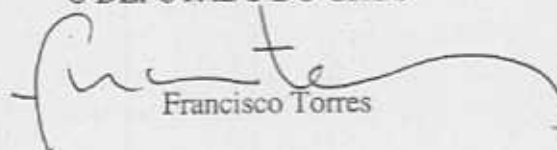
A opção pelo (ou a desistência a favor do) transporte rodoviário dos portugueses que vivem no litoral urbano da Região Lisboa e Vale do Tejo terá custos ambientais irreversíveis e apenas incentivará o uso e a dependência, hoje já exagerada, do automóvel entre Lisboa e Cascais. Em vez da qualidade, do convívio com o ambiente em vilas e cidades europeias, a Linha caminhará (com fundos europeus!) para o modelo americano ou terceiro-mundista do subúrbio atravessado por vias rodoviárias (virão inevitavelmente ainda mais túneis e viadutos) com o sacrifício da qualidade de vida, da sua competitividade e da coesão e justiça sociais.

Com o aumento de tráfego em progresso galopante seria muito grave (e triste!) desistir a favor dos automóveis - não haveria mais espaço para os peões, nem sombras, nem calma, nem coesão social, nem turismo de qualidade (quantos turistas - precisamente aqueles que fazem turismo cultural e não chegam em excursões para um campo de golfe/hotel iguais a tantos outros - encontro no comboio entre Cascais e Lisboa). As estradas, auto-estradas e outras vias rodoviárias dão lugar a mais construção (especulação e corrupção) que gera mais tráfego que pede - como resposta errada num determinado estágio (infelizmente muito atrasado) de desenvolvimento - mais vias ou alargamento das vias existentes e construção de parques subterrâneos com um custo absurdo para os contribuintes e, sobretudo, com efeitos devastadores para a qualidade de vida das vilas e cidades e para o próprio tráfego (porque "chama" os carros para os centros). Como diz o Arq. Ribeiro Teles, esse é o caminho das metrópoles do terceiro mundo. Ganho o desafio do euro, não podemos perder a oportunidade de usar os fundos europeus a que ainda temos acesso para nos aproximarmos do modelo social europeu que também perfilhamos, não os desbaratando em betão como já aconteceu no passado.

Assim, nestes termos, ao abrigo do disposto na alínea d) do Art.º 156.º da Constituição da República Portuguesa e da alínea h) do n.º 1 do Art.º 5.º do Regimento da Assembleia da República e, através de V. Ex.a, solicitar ao Senhor Ministro do Equipamento e à Administração da CP, os seguintes esclarecimentos:

1. Porque decidiu a Administração da CP reduzir a frequência dos comboios na linha Lisboa-Cascais?
2. Tendo a CP repostos já alguns dos comboios retirados de circulação no início de Janeiro, podemos esperar a reposição integral (até o aumento) dos comboios retirados? Para quando?
3. Tendo a CP que suportar custos fixos muito significativos (pessoal, manutenção dos equipamentos), em que medida é que a diminuição da circulação de alguns comboios (um custo variável) é tão importante?
4. Está a CP ciente de que a redução dos comboios, ao deteriorar significativamente a qualidade do transporte, vai afastar irremediavelmente um número significativo de utentes, pondo ainda mais em causa a sua viabilidade futura?
5. Tem a CP ideia das externalidades negativas de uma tal medida para a sociedade?

O DEPUTADO DO GP/PS


Francisco Torres